



INFLUÊNCIA DA IMIGRAÇÃO RELIGIOSA NO MOSAICO CULTURAL ANGOLANO

INFLUENCE OF RELIGIOUS IMMIGRATION ON THE ANGOLAN CULTURAL MOSAIC

Adriano dos Santos¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1043-7129>

Resumo

O tema central do presente estudo é a imigração religiosa no mosaico cultural angolano. De certa forma procuramos responder a seguinte questão: Como a imigração religiosa tem influenciado o mosaico cultural angolano? O objectivo do estudo é analisar a influência da imigração religiosa no mosaico cultural angolano. Os protocolos metodológicos assentam sobre a investigação exploratória, com enfoque qualitativo. Para a recolha de dados foi empregue a técnica da entrevista em profundidade através de um guião aplicada a seis pastores de diferentes denominações religiosas radicadas em Luanda. O referencial teórico pondera sobre o contexto histórico da construção do Estado-nação em Angola tendo como ponto de partida os Estados pré-coloniais, seguindo a luta travada para a construção da angolanidade de onde se desponha a teoria da angolanidade religiosa. Quanto aos resultados da investigação os dados revelam que a imigração religiosa tem se encarregado em trazer culturas estranhas no espaço territorial angolano. Concluiu-se que a imigração religiosa tem influenciado o mosaico cultural angolano, na medida em que, trazem contributos alheios ao mosaico cultural angolano e subalterniza as línguas nacionais, adoptando as línguas e costumes das populações imigradas.

Palavras-chave: Imigração religiosa, mosaico cultural angolano; angolanidade religiosa; sincretismo; práticas transculturais.

Abstract

The central theme of the present study is religious immigration within the Angolan cultural mosaic. In essence, we seek to address the following question: How has religious immigration influenced the Angolan cultural mosaic? The aim of the study is to analyse the influence of religious immigration on Angola's cultural configuration. The methodological procedures are grounded in exploratory research with a qualitative emphasis. For data collection, in-depth interviews were

¹ E-mail: adossantos397@gmail.com. Docente universitário e investigador do Centro de Investigação do Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais, Angola.

conducted using a semi-structured guide applied to six pastors from different religious denominations established in Luanda. The theoretical framework reflects on the historical context of nation-state formation in Angola, beginning with the pre-colonial states and moving through the struggle to construct *angolanidade*, from which the notion of *religious angolanidade* emerges. Regarding the research findings, the data reveal that religious immigration has introduced unfamiliar cultural elements into the Angolan territorial space. The study concludes that religious immigration has indeed influenced the Angolan cultural mosaic, insofar as it brings external contributions that reshape local cultural dynamics and tends to marginalise national languages by adopting the languages and customs of immigrant populations.

Keywords: Religious immigration; Angolan cultural mosaic; religious *angolanidade*; syncretism; transcultural practices.

Introdução

A imigração religiosa é uma prática que se assiste há anos em vários espaços territoriais trazendo contributos estranhos a cultura local. Todavia, as culturas passam por processos de aculturação, endoculturações, multiculturações e transculturações.

Quando se fala de mosaico cultural subjaz a ideia de Angola ser um Estado constituído por várias nações e povos e cada uma destas nações e povos cultivaram as suas próprias crenças que formataram o credo religioso africano com o qual se identificam. Esta nuance da multiculturalidade ou identidades múltiplas no processo da construção da angolanidade, ainda em curso, podem ser vistos como alicerces para a construção da angolanidade religiosa por meio do diálogo.

A adopção de credos religiosos estrangeiros belisca o processo da angolanidade religiosa em construção. Os angolanos carecem de conhecer a sua identidade, a história que estimula o processo de construção da angolanidade, sem interferência de outros povos ou cultura, neste sentido o estudo procurou responder a seguinte pergunta de partida: Como a imigração religiosa tem influenciado o mosaico cultural angolano?

Desta forma, delineou-se o seguinte objectivo para esse estudo: analisar a influência da imigração religiosa no mosaico cultural angolano. Formulámos a hipótese segundo a qual a imigração religiosa tem introduzido elementos estranhos que enfermam o mosaico cultural angolano. A metodologia desta investigação é de enfoque qualitativo, sendo exploratória no ponto de vista do seu objectivo. O instrumento para recolha de dados foi o guião de entrevistas em profundidade aplicadas a seis pastores com denominações sediadas na província de Luanda. Estruturalmente, o trabalho comporta a metodologia, o referencial teórico, os resultados e a conclusão.

Metodologia

A metodologia desta investigação é de natureza qualitativa. Silva e Menezes (2005) discorrem que a interpretação dos fenómenos e a atribuição de significados fazem parte do processo da investigação qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. Do ponto de vista

de seus objectivos a investigação é exploratória. Gil (1991 como citado por Silva e Menezes, 2005) considera que, este tipo de investigação visa a proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. A principal técnica adoptada foi a entrevista em profundidade, que é uma técnica do método qualitativo que permite explorar um ou mais temas, com maior profundidade. Esta técnica permitiu recorrer ao guião como instrumento para recolha de dados aplicados a seis pastores. Os entrevistados ao assinarem o termo de consentimento informados decidiram pelo anonimato, por esta razão os seus nomes não foram revelados no trabalho sendo codificado em E1; E2; E3; E4; E5 e E6.

1. A religiosidade nos reinos pré-coloniais de Angola

O Estado de Angola resulta da fusão de vários reinos bantu de onde despontam os Reinos do Kongo, Ndongo, Lunda, Wila, Humbe, Confederação dos Estados Ovimbundu. A estes Estados juntam-se pequenos agrupamentos populacionais compostos pelos povos Bergdama, Khoi e San, que não tiveram uma organização política que nos permite designá-los de reinos. Mais tarde veio juntar-se os povos de origem europeias completando, assim, o mosaico cultural angolano.

Cada um destes povos reunidos dentro de um espaço, tinham as suas crenças, portanto uma forma peculiar de adoração a Deus. Os Khoi e os San, por exemplo, a sua religião é consubstanciada na crença de um Ente Supremo. Estermann (1983) afluorou que os !kung do sul de Angola denominavam este Ente Supremo por //Guna para o autor “// é o sinal para o clique lateral” [p.40], porém os !kung acreditam também nos espíritos dos antepassados e proporcionam-lhes cultos.

Os khoi acreditam que o mundo é habitado por um conjunto de espíritos, entre eles, os espíritos das pessoas falecidas, que podiam influenciar as actividades dos seres vivos, ou seja, têm o poder de provocar uma caça feliz ou infeliz, provocar sonhos, tempestade, trovoadas, ventos para o efeito recorriam a súplicas (Gromiko, 1987).

Os bantu constituem a maior franja da população de Angola, pela sua organização política admite-se a existência de alguns Estados e cada um com vida religiosa peculiar.

O padre Altuna (2006, p. 399) afirma que, em Angola na área bantu o termo mais comum para apelar Deus é *Nzambi*, com as seguintes variantes: “*Nyambe, Nyamby, Nzambe, Nzama, Njambe, Nsambi, Tshambe, Inambie, Inamdzambi, Nhambe* e outros”.

1.1. Vida religiosa no Estado Kongo

Mbokolo (2012) assegura que, no Kongo os cultos são anteriores a formação do Estado e as crenças assentavam na concepção da divisão do mundo em duas montanhas separadas por enorme extensão de água, estas partes eram simbolizadas pelo antagonismo das cores pretas que representavam os seres vivos, portanto a cor da vida e deste mundo, e a cor branca que representava a morte, referindo-se aos antepassados e ao mundo invisível. Mbokolo (2012)

descreve que no Kongo nasceram três corpos de crenças comportando cada uma delas organizações de cultos apropriados:

- O culto dos mortos foi uma das primeiras manifestações religiosas que emergiu no espaço Kongo, este era realizado ao nível da *kanda* em que as crianças e os novos pais eram levados a visitar os túmulos, a todas as luas novas, neles eram depositados bens de luxo. Os *nganga atombola* eram especialistas encarregues de levar para o outro mundo os mortos descontentes e impedir que o seu espírito não entrasse no corpo de vivos, fazendo destes *ndoki* (feiticeiros) que propagam malefícios como doenças e mortes entre os vivos.
- Secundária forma de culto estava ligada aos *mbumba*, identificada algumas vezes com uma serpente gigantesca e designava sempre os espíritos da água e da terra. Este espírito era responsável pela fecundidade e pela fertilidade, porém, também podiam provocar esterilidade, seca e doença. Gromiko (1987) considera que os *mbumba* eram representados pelos *kitomi*, presentes em todas as províncias e os seus poderes eram semelhantes aos reis sacros e observavam alguns tabus, tais como: não abandonar a sua residência situada num lugar santo, não atravessar os rios nem visitar as costas do mar, não comer carne de porco, não conversar com pessoas estranhas. Quando o *kitomi* percorria as terras submetia os moradores à sua autoridade, cada um devia respeitar determinadas prescrições, tais como abstinência sexual para casais, sob pena de morte. Por representar o espírito da fertilidade, aos *kitomi* cabia assistir à inauguração da estação agrícola, abençoar os primeiros frutos da colheita. Segundo a lenda Kongo o *kitomi* não podia morrer de forma natural, pois se acreditava que no caso de sua morte por doença todos os seres vivos pereciam também, para que isso não acontecesse matavam-no de forma violenta (Gromiko, 1987 e Mbokolo, 2012). A prática da cerimónia de culto *mbumba*, segundo Mbokolo (2012), passava pelas seguintes etapas: instalava-se o *nkisi* (feitiço) em certas árvores designadamente, algumas palmeiras rodeadas por tabus muito restritos. Havia a crença que os *mbumba* adquiriam almas visíveis e encarnava-se em objectos naturais, tais como, pedaços de madeira, pedras, grãos encontrados junto dos cursos de água e em outros casos encravam-se em seres humanos identificados como crianças saídas do útero com pés para frente, albinos, gémeos, anões, coxos. Estes seres reputados monstruosos eram venerados como os próprios *mbumba*.
- - A terceira forma de culto esteve ligada aos *nkadia mpemba* (espíritos demoníacos). Neste culto a preocupação esteve voltada na relação exclusiva entre o indivíduo e a sociedade. O culto assentava no desempenho e êxito individual, a riqueza material, o prestígio social, seja o desejo de querer proteger-se dos outros, seja a de querer prejudicá-los. Neste sentido, os *nkisi* ligados aos *nkadi mpemba* eram manipulados pelos *nganga* (sacerdotes) para fins de proteção ou agressão. Assim a classe de *nganga* incluía vários especialistas, designadamente, os *nganga ngombe* estes tinham um papel importante, pois eram encarregues de prever o futuro individual, de procurar os feitiços preparados por indivíduos maldosos e solucionar os conflitos no seio das famílias e entre as linhagens; os *nganga ndoki*, estes eram procurados por todos os que queriam vingar-se de uma agressão mágica; os *nganga nsambi*, conhecidos por curar

certas doenças tais como lepras e úlceras; os *nganga nsanzi* capazes de provocar as chuvas (Mbokolo, 2012).

Este corpo de crenças legitimou às diferentes formações políticas no Kongo sendo que uma delas correspondia aos *kanda*. O *kanda* era um grupo unido, possuía nomes e tradições próprias, no exercício do poder havia frequentemente uma mulher que adoptava o nome do *kanda*, por exemplo, *mani Lukeni* para o chefe do *kanda Lukeni*; *mani Nlanza* para o chefe do *kanda Nlanza*, porém o chefe adjunto do *kanda* era sempre alguém do sexo oposto. O seguimento abaixo do *mani kanda* era dirigido por *mbuta* (os mais velhos), mais abaixo da hierarquia encontravam-se os *nkulutu* (deriva de *nkulu* = idade) que se encarregavam de administrar a justiça (Mbokolo, 2012).

Jack Goody assegura que uma das particularidades das religiões africanas é o facto de não possuir textos escritos ou livros sagrados, mas se baseiam na tradição, ou narração passada de geração para geração, sobre os conteúdos e a maneira de viver sua religiosidade, isso se dá em forma de histórias, ritos, provérbios, danças, músicas, festas. Quer dizer que não são religiões de conversões ela está estritamente enraizada na sua cultura, ou seja, não se pode praticar a religião dos bantu a menos que seja um bantu (Goody, 1986).

1.2. Vida religiosa no Estado Ndongo

No que concerne às crenças religiosas, Virgílio Coelho considera que os seres sobrenaturais tomam um espaço fundamental na história ritual e emblemática do Estado Ndongo, porém o autor considera que a vida social é marcada pela presença dos génios da natureza *ítùtà* (Coelho, 2010).

Artur Júlio (2004) considera que as mais remotas formas de organizações das aldeias devem estar ligadas aos santuários, no início enquanto imperava a insignia malunga, havia a crença que esta era a responsável em provocar chuvas, controlar as cheias, propiciar sucesso ao caçador e fertilidade aos solos do agricultor, assim os cultos eram efectuados na esperança do bem estar dos habitantes.

Beatrix Heintze (2007) alvitra que o papel religioso fundamental foi desenvolvido pelo Ngola que ocupava principal posição política no Estado Ndongo, sendo que representava para a população “o senhor do sol e da chuva”, sendo responsável pela fertilidade da terra e pelo bem-estar colectivo, e era venerado como um Deus pelo povo mbundu legitimado pelos ancestrais como intermediador entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

Miller (1995) descreve que, o poder do Ngola aparece ligado a uma figura de ferro que se colocava no leito dos rios, uma vez que os fazedores de chuva acreditavam que estas figuras estavam investidas de poder para interceder junto das divindades que regulavam o clima.

Um dos rituais desenvolvido pelo rei estava centrado em torno do fogo eterno mantido com esteira de colmo, empregada aos longos cerimoniais da puberdade, simbolizando a vida e a fertilidade, porém o fogo só era extinto com a morte do rei (Júlio, 2004).

1.3. Vida religiosa na Federação dos Estados Ovimbundu

Os ovimbundu acreditavam num ente supremo apelado por *Huku* ou *Suku* e *Kalunga*. Carl Estermann (1983) considera que o termo *kalunga* amplamente usado pelos povos do sul de Angola, aparece etimologicamente com o radical «lunga» que para os Mbundu bem como na língua *nhaneca* e *humbe*, *ambó* e o *herero*, significa sempre alguma coisa relacionada com inteligência. Por exemplo, na língua *ngangela*, *kalunga* significa ser experimentado, esperto. Ele tem o mesmo significado em *umbundu*. Na língua *kwanhama* o verbo derivado *oku-lunga* quer dizer ser esperto, astucioso. Noutras línguas faladas no sul de Angola o mesmo termo significa ser atento, vigilante. Na língua *kimbundu* *kalunga* é o mar, insondável, profundo.

Um papel religioso de destaque era reservado ao *osoma*, era chefe de Estado e Sacerdote ao mesmo tempo, pois era responsável pela fertilidade do Estado ao mesmo tempo sacerdote. Moisés Malumbu descreve que, o *osoma* era o centro da vida religiosa, tinha um carácter sagrado, considerado um semideus, é nestas vestes que tinha o dever de resolver não só os problemas de índole sócio-política, como também sobre-humana e outros de carácter natural tais como secas, cheias, epidemias e outras de origens não conhecidas que se abatessem sobre o Estado (Malumbu, 2005)².

Nesta confederação foram construídos santuários, locais sagrados para adorar a Deus. Marino Sungo (2015)³ considera que, os *olosoma* eram sepultados separados de suas cabeças, o seu corpo era depositado num local designado por *Akokoto* e o crânio noutro lugar denominado *Atambo*.

Assim como outros povos de origem bantu, os ovimbundu acreditam que o mundo é formado por uma substância material e por outra imaterial, na vida dos homens intervêm um conjunto de espíritos dos antepassados e estes espíritos a sua função depende do valor que teve enquanto esteve ligado a um corpo, assim os espíritos dos reis têm mais importância em relação a de um homem que em vida não exerceu tal função. Acreditava-se que o local onde jazem as cabeças dos reis eram locais que propiciavam

² Malumbu, Moisés. (2005). *Os Ovimbundu de Angola: Tradição - Economia e Cultura Organizativa*. Roma: Edizioni Viver In.

³ Sungo, Leopoldino. (2015). *O Reino do Mbalundu: Identidade e Soberania Política no Contexto do Estado Nacional Angolano Actual (Dissertação de Mestrado)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Huambo: UFSC.

É neste local onde o rei e sua corte curvam os joelhos pedindo para lhes proporcionem as soluções dos mais variados problemas, tais como, como a seca, excesso de quedas fluviométricas, epidemias e outras catástrofes. Estes locais funcionam como verdadeiros santuários onde também agradecem sempre que tiverem êxitos nas grandes colheitas, nascimento e cura.

1.4. Povos de origem europeia e a migração do cristianismo para o espaço cultural angolano

Os povos provenientes da Europa formam o quinto agrupamento populacional que completa o mosaico cultural angolano, este por sua vez trouxeram o cristianismo imposto aos africanos como a nova forma de adoração a Deus.

O cristianismo chegou a Angola pelas mãos dos colonizadores europeus sendo o ano de 1482 como o seu marco de partida conquistando a benevolência do rei Nzinga Nkuwu que os aceitou no seu território e deixou-se baptizar com o seu filho mais velho Nvemba Nzinga (a partir de então conhecido como Afonso I) no dia 3 de Maio de 1491. Com o baptismo do soberano o reino torna-se cristão uma vez que tal acontecimento foi seguido por uma tão grande multidão (Baur, 2002)⁴.

Eduardo André Muaca⁵ aponta três etapas na evangelização de Angola: 1ª Etapa: 1491-1834; 2ª Etapa: 1865-1975; 3ª Etapa: de Fevereiro de 1975 até hoje . 29 de Março de 1491 é apontado como a data do início da primeira expedição missionária, iniciando assim a primeira evangelização que se estendeu até 1834. Este período foi marcado pelo zelo ardente da parte dos missionários; entusiasmo da parte do rei do Kongo e dos seus súbditos em abraçar a fé; cristianização dos reinos do Kongo e Ngola.

Diogo Cão chegou as margens do grande rio que os Bacongos o chamavam de Nzadi (rio poderoso) e os europeus soletraram erradamente, “Zaire” (depois deram-lhe o nome de S. Jorge em honra do Santo cuja festa se celebrava naquele dia, como o rio Nzadi banhava o reino do Kongo passou-se também a chamar-se rio Kongo) _ viram pela primeira vez enormes navios dos quais saíam, e vinham a terra, homens de pele branca. Estes homens brancos pisaram as terras governadas por Nzinga Nkuwu que morava na capital do reino a cidade de Mbanza que mais tarde passou a chamar-se Ambasse ou S. Salvador do Kongo.

Enquanto Diogo Cão explorava a costa angolana os seus emissários com presentes iam ao encontro do soberano do reino. De regresso a foz do rio, Diogo Cão depara-se com uma surpresa desagradável, os emissários enviados ao rei não regressaram. Como espécie de retaliação Diogo Cão aprisionou no barco 4 jovens e partiu para Portugal, os prisioneiros de Diogo Cão foram bem recebidos pelo rei D. João II, foram escolarizados a maneira europeia de modo a tornarem-se

⁴ Baur, John. (2002). *2000 Anos de Cristianismo em África. Uma História da Igreja Africana*. Lisboa: Paulinas.

⁵ Muaca, Eduardo André. (2001). *Breve história da evangelização de Angola (2ª ed.)*. Luanda: CEAST, S.L.

interpretes, catequizados e baptizados, estes foram os primeiros cristãos angolanos. De regresso a terra natal em 1487, eles mostraram-se cheios de elogios à terra cristã, estes 4 jovens constituíram de facto, os primeiros evangelizadores, isto teria motivado o rei a estabelecer relações amistosas com a corte europeia chegando mesmo de enviar uma embaixada que incluía outros jovens para serem instruídos, abrindo portas para a primeira grande evangelização que vai de 1491 a 1834 (Baur, 2002)⁶.

Estavam assim criadas as condições para cristianizar o reino, a catequese começou logo pelo rei e pelos nobres, foi por essa ocasião que se construiu a primeira igreja a sul do Saara cuja inauguração esperava o baptismo do rei, que foi baptizado com o nome de D. João I e a rainha tomou o nome de Leonor, em honra do rei e da rainha de Portugal.

Feita que estava a evangelização do Kongo os portugueses viraram-se para o reino dos Ngolas, haviam passado meio século de presença política e evangelizadora no Kongo quando os portugueses começaram a travar relações com os reinos limítrofes a começar pelos Ngolas. Este reino era formado pela tribo Ambundu que não conservou a unidade política tendo-se fragmentado em reinos da Matamba, do Ndongo os estados livres e a Kissama (Muaca, 2001)⁷.

Os “Ngolas” governavam o reino do Ndongo cuja capital era Cabasa ou Mabanda-Cabasa (actual Dondo). Deve-se aos portugueses a extensão da designação “Angola” a toda área habitada pelos povos ambundu, primeiro passo para que todo o território da nossa República se chamasse Angola.

Muaca (2001)⁸ aponta que, o período de 1865 a 1975, considerado o segundo período, é o mais furtuito, pois nela aparecem em Angola as confissões protestantes, produto da determinação da conferência de Berlim que exigiam a abertura da África a todas as confissões religiosas. Antes deste período o cristianismo não tinha atingido ainda os reinos ovimbundu, o Império Lunda e os Estados do sul.

A confederação dos Estados Ovimbundu compostos por 22 Estados de onde despontam: Huambo, Tchiaca, Ngalangue, Tchingolo, Ndulu, Bailundo, Vye. Antes da conferência de Berlim conheceu apenas o cristianismo católico, porém depois da conferência de Berlim passaram a conhecer as confissões protestantes, designadamente, os Irmãos de Plymouth, que chegaram a Angola em 1889 fixando-se no Vye (Bié) donde irradiaram até à Província do Moxico; outra congregação instalada nestas paragens foram os Adventistas do Sétimo Dia que chegaram a Angola em 1922 vindos da Namíbia. Estabeleceram no Bongo, perto de Lépi, onde abriram um grande Hospital e também fundaram várias sucursais em Angola; não devemos deixar de fazer referência aos Pentecostais que estão muito activos no Kwanza Sul, particularmente na área de Gabela-Amboim até ao Hebo; A junta Americana e canadiana chegou por estas terras em 1880 e criou sedes

⁶ Baur, op. cit

⁷ idem

⁸ idem

principais em Benguela e no planalto central sendo a mais importante das suas estruturas é a missão do Donde, com o seminário Emanuel na província do Huambo (Henderson, 2001).

O império Lunda incluía o grupo Lunda-cokwe, Lunda-Chindes, Lunda-Ndembo, Mataba, Cacongo, Mai e Cokwe. Os Irmãos de Plymouth, foram os primeiros a implantar a igreja entre os Cokwe, o grande feito protagonizado foi a fundação de uma missão em Boma. Não podemos deixar de afirmar que a implantação da igreja entre os cokwe não foi fácil uma vez que este é um povo muito orgulhoso e muito franco, desprezavam os ovimbundu considerando-os como escravos dos brancos, recusaram-se a construir as primeiras estações missionárias por esta razão os missionários tiveram de recrutar mão de obra entre os Ganguela, o interesse dos lunda pelo cristianismo ocorreu mais tarde. A igreja Católica só decidiu enviar missionários para aquela região em 1933 (Henderson, 2001).⁹

Nos reinos do sul de Angola destacam-se os reinos da Huila, Humbe, sendji, os khoisan e os vátuas. Nesta região emergiram os católicos e os protestantes da missão filaficana de Angola fundada pelo Dr. Chamberlain. Através de sucursais estendeu-se por todo o sudoeste adoptando o nome de Missão do Sudoeste de Angola. A Huila tornou-se o centro do catolicismo na região sul de Angola, para ali foi transferido o único seminário Católico que existia em Angola de Luanda para Huila, apesar destes esforços o povo Muila não nutria qualquer simpatia pelos Europeus nem pelo evangelho, por essa razão não conseguiram obter êxitos esperados naquela região (Henderson, 2001).

Os Khoi, os san e os Bergdama eram povos nómadas então não podemos falar em cristianização destes nativos de Angola por essa altura.

As missões protestantes também se implantaram na zona norte de Angola nomeadamente nos reinos do Kongo e Ngola.

Na partilha das zonas de influência... os Baptistas instalaram-se entre os bakongo, os Metodistas, na região entre Luanda e Malange (de língua kimbundu) e diversas Igrejas congregacionais dos Estados Unidos da América e do Canadá implantaram-se na região do centro de Angola de língua Umbundu, onde também se fixaram na década de 1920 os Adventistas do Sétimo Dia (Neto, 1997, p. 337).

A Igreja Baptista ligada a Sociedade Missionária Baptista de origem inglesa, instalou-se em S. Salvador (Mbanza Kongo) em 1878 e espalhou-se por todo reino do Kongo.

A iniciativa de instalar a Sociedade Missionária Baptista no reino do Kongo foi obra do missionário Robert Arthington.

Arthington herdou os princípios e a fortuna, unindo-os para servir o seu zelo evangelístico. Ele acreditava que assim que o evangelho fosse pregado a todas as nações Cristo voltaria. Arthington foi estudante de Demografia e de Geografia na Universidade de Cambridge o que facilitou o

⁹ idem

contacto com os exploradores e missionários que trabalhavam no interior de África, usando todos recursos e meios a sua disposição para atingir os seus objectivos. Encarregando George Grenfell e Thomas Comber Missionários da B.M.S. nos Camarões de fundar a igreja em Mbanza Kongo. Estes pioneiros cujo objectivo era criar uma firme compreensão do cristianismo relegando para segundo plano os interesses coloniais, adoptaram as línguas locais para melhor ensinar a Bíblia aos africanos. Sendo assim o evangelho de S. Mateus foi traduzido para a língua Kikongo em 1890 pelo missionário John Weeks que desde que chegou a Mbanza Kongo em 1882, interessou-se pela vida e pela cultura Kongo recolhendo provérbios e histórias inclusive desenvolveu trabalhos escolares com rapazes e jovens (Grenfell, 1998).¹⁰

Nesta esteira a Bíblia Sagrada foi completamente traduzida para línguas locais o que facilitou a compreensão do evangelho pelos autóctones, ao contrário dos católicos que obrigavam os africanos a rezarem em línguas europeias. Oficialmente em 1921 o governo colonial passou a proibir o ensino linguas africanas nas escolas de missões. Esta proibição alia o cristianismo à colonização, elevando o questionamento se as missões estavam ao serviço da evangelização ou da colonização.

A presença das missões protestantes, sobretudo, após a conferência de Berlim trouxe boas novas para a sobrevivência das línguas e da cultura africana, ao considerarem o ensino do evangelho nas línguas locais e especialmente a tradução da Bíblia nas línguas africanas, visto que a língua é uma panóplia de afirmação da identidade cultural, quem fala a sua língua projecta a sua cultura. Ndombele (2017) ¹¹ concebe que a valorização das línguas angolanas como factor potente da desalienação e da libertação da ideologia imposta pelos colonizadores.

Em Angola, os primeiros missionários protestantes que implantaram-se entre os Kimbundu foram os Metodistas sob liderança do reverendo William Taylor, um americano cheio de idéias inovadoras, que trabalhou como missionário na Califórnia durante cerca de oito anos entre 1848 a 1856. William Taylor, que fundou igrejas na Costa Rica, no Peru, no Brasil e no Chile, foi eleito em 1884 bispo de África pela conferência geral da igreja metodista episcopal que incumbiu a responsabilidade de fundar outras missões em África (Carvalho, 1978).¹²

As missões cristãs não se limitaram apenas em fundar igrejas, mas também construíram escolas, balizas da introdução dos africanos á cultura europeia, desta sorte os metodistas fundaram o centro do Quéssua em Malange e os adventistas do 7º dia fundaram o centro do Dôndi no Huambo. Por estes centros passaram muita gente que viriam contribuir para o nacionalismo angolano. O processo da cristianização dos africanos culminou na colonização espiritual ou religiosa

¹⁰ Grenfell, J. (1998). *História da Igreja Baptista Em Angola 1879-1975*. Lisboa: Edições Baptist Missionary Society.

¹¹ Ndombele, Eduardo David. (2017). Reflexão sobre as línguas nacionais no sistema de ensino de Angola. In: RILP Revista Internacional em Língua Portuguesa, nº 31

¹² Carvalho, Emília de. (1978). *Ouçõ os passos de milhares*. S. Paulo: Edições Igreja Metodista Unida de Angola.

dos africanos pelo que resultou no sincretismo religioso africano dando azo a angolanidade religiosa.

2.6. Migrações religiosas na actualidade angolana

Caley (2011) considera que, a partir da década de 1980, assistiu-se a entrada em Angola de expatriados de várias nacionalidades oriundos, sobretudo da África Ocidental, região de populações maioritariamente muçulmanos (aderentes da religião Islâmica). Como consequência, deu a implantação dessa religião primeiro em Luanda, estendendo-se actualmente a todo país.

A migração religiosa do pós-independência em Angola intensifica-se nos finais da década de 1980 principio de 1990, sobretudo com a queda do muro de Berlim, Angola abre-se a economia de mercado do ponto de vista de sua economia e do ponto de vista religioso é concebida a liberdade de culto e com ela assiste-se a emigração religiosa em grande escala onde igrejas e seitas de todos os géneros, vinda de países como Republica Democrática do Congo, Brasil, Nigéria e Estados Unidos da América, adentram o território angolano e trazem novos costumes. (ver igrejas da Coreia em Luanda) (de Portugal, a Maná que teve de mudar o nome para Josafá em Angola por desentendimentos com o presidente José Eduardo)

Decorrente desse fenómeno verifica-se hoje em Angola uma grande proliferação de organizações religiosas que podem ser classificadas em: a) igrejas espiritualistas, b) igrejas dissidentes da doutrina cristã e c) igrejas não cristãs (Trindade, 2012).

Os dados do Instituto Nacional dos Assuntos Religiosos (INAR) indicam que as denominações cristãs africanas, o caso do Kimbanguismo e o Tocoísmo (dados de 2010, quando a população angolana era metade do que é hoje) representam 25% da população; 10% da população segue as principais denominações protestantes como Metodista, Baptista, Congregacionais e Assembleia de Deus Pentecostal; e 5% pertence a várias igrejas evangélicas brasileiras. Uma pequena parte da população rural pratica o animismo ou religiões tradicionais indígenas. Há também uma pequena comunidade islâmica, estimada em 80.000 a 90.000 fiéis composta, sobretudo por imigrantes da África Ocidental e famílias de origem libanesa. (INAR, 2010) (o censo de 2024 aponta 150 mil islâmicos).

Segundo o Instituto Nacional para os Assuntos Religiosos do Ministério da Cultura, existem no país 81 igrejas reconhecidas com personalidades e capacidade jurídica e mais de 1200 denominações religiosas não reconhecidas (INAR, 2010).

A Constituição da República de Angola (CRA) aborda a religião em dois dos seus artigos. O artigo 10º define o país como Estado laico, com separação entre a igreja e o Estado. Nos termos deste artigo o Estado reconhece e respeita diversos grupos religiosos, os quais são livres de organizar e levar a cabo as suas actividades, contanto que observem a constituição e a lei. O artigo 41º consagra também a liberdade de consciência, religião e culto e garante o direito à objecção de consciência, nos termos da lei.

A CRA consagra a liberdade religiosa que certa forma contribui para a livre prática religiosa, em geral. O Governo, de um modo geral, respeita a liberdade religiosa na prática. Contudo, o Governo exige que os grupos religiosos requeiram a sua legalização nos Ministérios da Justiça e da Cultura. A legalização concede aos grupos religiosos o direito de actuarem como pessoa jurídica no sistema judicial, garante a sua posição como grupos religiosos oficialmente registados e permite-lhes construir escolas e templos. (INAR, 2010).

Durante a conferência organizada pelo Centro de Estudo e Investigação Científica Aplicada (CEICA) do Instituto Superior Politécnico Tocoísta, o psicólogo e também professor universitário Carlinhos Zassala referiu que as seitas religiosas recorrerem às práticas não convencionais, baseadas em magia, feitiçaria, bruxaria e ciências ocultas, levando assim a subjugação das consciências dos seus seguidores.

Ao analisar o fenómeno migração religiosa em Angola Adriano dos Santos (2013).vai além das questões culturais, pois o autor considera que é uma questão de segurança pública que podemos inferir que o fenómeno é já um problema de segurança nacional ao mexer com as bases que seguram com o tecido social angolano. Santos (2023) considera que, os objectivos económicos de Angola têm sido atacados por seitas religiosas, tal como se verificou com o caso da Igreja Universal que não é o único caso. As igrejas são parceiras sociais do Estado, porém estas seitas não se envolvem em actividades sociais, tais como a construção de escolas, hospitais nem aparecem em actividades como, campanhas de limpezas e actividades filantrópicas, designadamente, ajuda as crianças carenciadas, ao lar da terceira idade, das crianças desamparadas. Pelo contrário, acompanhamos contribuições alheia a angolanidade que afectam sobremaneira o tecido social e cultural angolano.

2. Angolanidade religiosa

Angolanidade religiosa implica uma nova religião que se situa entre as crenças tradicionais africanas (tendo em conta os africanos que habitam o espaço desde a época pré-colonial) e o cristianismo europeu (visando a população angolana descendente de europeus que professavam a fé cristã)” (Santos, 2023, p. 296).

A identidade religiosa angolana construiu-se pela agregação das várias nações de Angola, foi um acto complexo que envolveu questões subjectivas, atendendo ao facto de serem pessoas provenientes de várias tradições religiosas, nacionalidades, famílias, profissões, intelectualidades e culturas (Ferreira, 2012 como citado por Santos, 2022). A teoria da Angolanidade é resultado do processo de descolonização de Angola que foi uma história de longa duração, pois ela começa na segunda metade do séc. XIX com o nativismo, sucedido pelo protonacionalismo na primeira metade do séc. XX e culmina com o nacionalismo na segunda metade do séc. XX.

Foi no período do nacionalismo que vai despontar quatro figuras, precisamente, Simão Gonçalves Toco na liderança do Tocoísmo, Agostinho Neto na êgede do Movimento Popular de

Libertação Nacional (MPLA), Holden Roberto a cabeça da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e Jonas Savimbi a frente da União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA).

Santos (2019) argumenta que, Simão Gonçalves Toco teve uma visão Crística que ultrapassou as barreiras tribais lançando os fundamentos e as pedras da nação moderna angolana pela evangelização, pregando a solidariedade e o progresso autónomo de África e dos negros de forma geral, enquanto Agostinho Neto, Holden Roberto e Jonas Savimbi, o fizeram por intermédio das armas. Simão Gonçalves Toco criou o Tocoísmo movimento religioso angolano que reivindicava uma África para os africanos. O Tocoísmo surge em 1949, no seio da comunidade angolana emigrada no antigo Congo Belga, com a designação oficial de Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo (INSJCM).

Com o Tocoísmo, muitas necessidades religiosas dos africanos foram satisfeitas, apontamos o exemplo de profecias e de visões, pois há crença que Deus revela o futuro e as causas do infortúnio por meio de visões, estas crenças estão enraizadas na cultura africana. O Tocoísmo não só retomou aspectos voltados as religiões tradicionais africanas, mas também as línguas nacionais têm sido preservadas ao incentivar a produção de hinos, orações e pregações em línguas nacionais. Esta postura dos Tocoístas incomodou a administração colonial, para dissuadi-los a administração colonial portuguesa gizou um plano que ostracisava os tocoístas para zonas cuja realidade sociológica era por eles desconhecida. A política de ostracisação gizada pela administração colonial portuguesa ajudou a projecção do Tocoísmo para todo território nacional. Neste seguimento, os seguidores de Simão Gonçalves Toco alcançaram todos os povos de Angola tornando-se num clero nacional congregando povos e línguas. O Tocoísmo aparece neste contexto, como uma confissão religiosa que uniu não só povos e culturas de Angola, como também acoplou todas as convicções quer católicos, protestantes, quer os não cristãos. Esta postura contrapôs a proscrição decretada pela administração colonial portuguesa e as demais medidas engendradas para travar a sua expansão. Santos (2022) discorre que, os processos migratórios do Tocoísmo permitiram a construção da identidade religiosa nacional por meio da sociabilidade e religiosidade de seus adeptos e sua forma de agregação e os recursos identitários de integração sócio religiosa.

3. Resultados

A migração religiosa tem trazido contributos estranhos à cultura angolana. Conversas mantidas com um dos altos funcionários do Instituto Nacional para os Assuntos Religiosos (INAR) revelam que tem havido denúncias de estrangeiros a entrarem em nome da igreja. Esta revelação é prova evidente que algumas igrejas facilitam e promovem a emigração ilegal.

Sobre a questão **E1** considera que as fragilidades residem nas políticas de emigração, pois há estrangeiros que adentram o território nacional em nome da igreja e quando se instalam, voltam a chamar os seus parentes, amigos e compatriotas e não há um controlo eficaz sobre os mesmos.

Sobre a questão central do presente estudo consubstanciada na influência da imigração religiosa no mosaico cultural angolano, **E2** considera que a imigração religiosa tem influenciado o

mosaico cultural angolano, sobretudo na questão das línguas nacionais, onde se assiste a projecção de línguas estrangeiras em detrimento das nacionais. Aqui a nota recai para o lingala que é falada em detrimento das demais línguas nacionais.

Num estudo (efectuado pelo autor em 2020 também na província de Luanda Município do Kilamba Kiaxi com metodologia quantitativa) constatou-se que numa amostra de 50 fiéis 30% afirmam que as cerimónias de culto têm sido feitas em línguas estrangeiras, 64% responderam que tem sido em Língua Portuguesa e 4% dizem ser em línguas nacionais.

A questão das línguas usadas nas cerimónias de culto é um factor fundamental, pois a língua é um trofeu de afirmação, quem fala a sua língua preserva e projecta a sua cultura. É importante sublinhar a necessidade de evitar que a proliferação de seitas religiosas tenha repercussões nos costumes do país. Neste sentido Ndombele (2017), considera que uso das línguas nacionais como factor determinante para a desalienação do espírito do colonizador. Contudo, o espaço deve ser preenchido pelas línguas de Angola e não de outro país africano, pois os angolanos devem contriur uma nação com identidade própria e não emprestada.

E3 considera que, a Igreja Universal, por exemplo, tem levado os angolanos a falarem com o sotaque á brasileiro. Este é o pior indicador, visto que até o português de Angola está sendo alienado por estas confissões religiosas, o caso concreto das igrejas importadas do Brasil influenciam até a doutrina cristã implantada em Angola, ao difundir a doutrina da prosperidade, tal como afirmou Santos (2023), os objectivos económicos de Angola têm sido atacados por estas igrejas como ocorreu com a igreja Universal que não é o único caso.

E4 pondera que, a imigração religiosa afecta a nossa convivência, na medida em que trazem costumes diferentes da nossa realidade. É neste sentido que Carlinhos Zassala referiu que as seitas religiosas subjugam as consciências dos seus seguidores ao recorrerem às práticas não convencionais, baseadas em magia, feitiçaria, bruxaria e ciências ocultas.

Para **E5** as igrejas importadas do estrangeiro praticam actos que interferem na boa convivência social, uma vez que muitas suas práticas chocam com os costumes locais. Recorrendo ao texto de Santos (2023) subssai que, muitos pastores angolanos pertencentes a estas agremiações religiosas tendem a imitar o sotaque brasileiro. Movidos pelo sentimento do ter muitos destes obreiros chegaram a vasectomia, prática pouco vista em Angola.

E6 considera que, existem igrejas que não estão autorizadas para o exercício da actividade, então isto é um desacato às autoridades instituídas. O entrevistado questiona como uma igreja que não consegue respeitar as leis dos homens vai respeitar a lei de Deus? Sobre a questão o INAR (2010) descreve que, existem no país 81 igrejas reconhecidas com personalidades e capacidade jurídica e mais de 1200 denominações religiosas não reconhecidas. A legalização concede aos grupos religiosos o direito de actuarem como pessoa jurídica no sistema judicial, garante a sua posição como grupos religiosos oficialmente registados e permite-lhes construir escolas e templos. Os resultados das entrevistas elevam o sentimento segundo o qual a imigração religiosa

tem abanado o tecido da angolanidade, começando por colocar em causa as línguas nacionais, outrossim, a imigração religiosa tem se encarregado de trazer elementos alheios à angolanidade.

Considerações finais

Nas sociedades tradicionais africanas não havia polícias para controlar o comportamento dos cidadãos a própria religião se encarregava de recompensar os bons e punir os maus. Porém, hoje a situação é bem diferente, há necessidade de o Estado controlar as práticas religiosas, pois a história da humanidade já demonstrou que muitos conflitos nasceram por conta da religião. Assim sugere-se o controlo estatal das práticas religiosas impedimento que mais seitas adentrem no país e se proliferem. Assim, sobre a questão: como a imigração religiosa tem influenciado o mosaico cultural angolano? Na base da pesquisa feita os resultados revelam que a imigração religiosa tem se encarregado em trazer culturas estranhas ao espaço territorial angolano. Concluiu-se que a imigração religiosa influencia o mosaico cultural angolano, pois traz contributos estranhos ao mosaico cultural angolano, atacando o elemento fundamental da identidade de um povo, a língua, levando os povos de Angola a adoptar as línguas e costumes estrangeiros.

Referências bibliográficas

- Altuna, R. R. (2006). *Cultura Tradicional Bantu*. Portugal: Paulinas editores.
- Baur, J. (2002). *2000 Anos de Cristianismo em África. Uma História da Igreja Africana*. Lisboa: Paulinas.
- Caley, C. (2017). O Lugar das Religiões Tradicionais Africanas no Continente: Um Desafio a Enfrentar no Presente. *Revista Religiões e Estudos*, 17-21.
- Carvalho, E. d. (1978). *Ouçó os passos de milhares*. S. Paulo: Edições Igreja Metodista Unida de Angola.
- Coelho, V. (2010a). *Os Tùmùndòngò os Génios da Natureza e os Kílàmbà*. Luanda: Kilombelombe.
- CRA. (2010). *Constituição da República de Angola*. Luanda: Imprensa Nacional.
- Estermann, C. (1983). *Etnografia de Angola (Sudoeste e Centro) colectânea de Artigos Dispersos vol. I*. Lisboa: Instituto de Investigação científica Tropical.
- Goody, J. (1986). *A Lógica da Escrita e a Organização da Sociedade*. Lisboa: edições 70.
- Grenfell, J. (1998). *História da Igreja Baptista Em Angola 1879-1975*. Lisboa: Edições Baptist Missionary Society.
- Gromiko, A. (1987). *As regiões da África Tradicionais e Sincréticas*. (G. Mélnikov, Trad.) Mocovo: Edições Progresso.
- Heintze, B. (2007). *Angola nos Séculos XVI e XVII*. Luanda: Kilombelombe.
- Henderson, L. W. (2001). *A Igreja em Angola. Um Rio com Várias Correntes. (2ª ed)*. Luanda: Editorial Além-mar.
- INAR. (2010). *As Religiões em Angola: A realidade do período pós-independência (1975-2010)*. Luanda: Autor.

- Júlio, A. d. (2004). *Vestígios Históricos e o povoamento do território de Angola de 1000 a 1600*. D.C. Luanda: Autor.
- Malumbu, M. (2005). *Os Ovimbundu de Angola: Tradição - Economia e Cultura Organizativa*. Roma: Edizioni Viver In.
- Mbokolo, E. (2007). *África Negra História e Civilização do Século XIX aos Nossos Dias. Tomo II*. Lisboa: Edições Colibri.
- Miller, J. C. (1995). *Poder Político e Parentesco. Os antigos Estados Mbundu em Angola*. Luanda: Arquivo Histórico Nacional.
- Muaca, E. A. (2001). *Breve história da evangelização de Angola (2ª ed.)*. Luanda: CEAST, S.L.
- Ndombele, E. D. (2017). Reflexão Sobre as línguas Nacionais no Sistema de Ensino de Angola. *RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa*.
- Neto, M. d. (1997). Ideologia da colonização de Angola. *Lusotopie*, 337.
- Santos, A. (2019). *Contributo do Tocoísmo para o Nacionalismo Angolano*. Luanda: BC Livtec, Lda.
- Santos, A. d. (2022). O Tocoísmo: A Construção da Identidade Religiosa Nacional por Processos Migratórios. *Cadernos CIS 01*, 20-25.
- Santos, A. d. (2023). Representações Sociais Sobre a Ameaça da Proliferação das Seitas Religiosas na Segurança Pública. *Publicae Securitatis. Segurança Pública. Revista Científica do Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais*, 295-312.
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação (4ª ed)*. Florianópolis: UFSC.
- Sungu, M. L. (2015). *O Reino do Mbalundu: Identidade e Soberania Política no Contexto do Estado Nacional Angolano Actual (Dissertação de Mestrado)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina . Huambo: UFSC.
- Trindade, J. N. (10 de Setembro de 2012). A Propósito do Perigo das Seitas Religiosas. *Folha 8*, p. 9.